

## KÓRACH: ENTRE A ESPIAÇÃO E A EXPIAÇÃO

Benjamin Mandelbaum 23/06/2001

Buscarei abrir algumas janelas, tal como ensinou nosso Rabino Bonder nos conduzindo em seu livro Portais Secretos navegando com a Arca de Noé espiando textos, palavras e letras. Abrir janelas que possam trazer o ramo da paz. Abrir as sefirot em nosso corpo para penetrar a luz em nossas mentes e corações, arejar e viajar misticamente na leitura da Torá. Vamos então abrir algumas janelas da nossa alma para que possamos espiar e expiar.

### I- AS 2 REVOLTAS

Podemos dividir o episódio em dois momentos. São 2 as revoltas que acontecem. Kórach segundo consta nas compilações de A. Kaplan na Torá Viva, era um rico funcionário do Faraó assim como eram ricos Datan e Aviram, bem como os demais eram ilustres e famosos. A primeira revolta são desses que questionam querendo usurpar o lugar de Moisés e de Aarão dizendo para eles: “Vocês foram muito longe acima da congregação” (p.740). Acontece então a primeira ira Divina que Moisés<sup>1</sup> intercede, circunscrevendo-a aos participantes e não a todo o povo, como D’S propusera-lhe.

Acontece então a 1ª Prova com a afirmação de Moisés de que algo inusitado e incomum, inteiramente novo da ordem do divino e não da ordem do humano aconteceria definindo aquela disputa. A terra abriu sua boca e desceram vivos ao abismo consumidos em fogo os 250 ilustres.

A 2ª revolta é de toda comunidade. Desta vez questionam Moisés de ter eliminado o grupo revoltoso como se tivesse sido uma obra humana, portanto da ordem da Magia, e não como já lhes havia dito Moisés de ser da ordem do Divino e portanto ser um Milagre. Sucede-lhe uma 2ª Ira Divina imediata cuja interferência de Moisés vai além do pedido no próprio oferecimento de oferendas sacrificiais para aplacar a fúria que já havia exterminado com 14700. Sucede-lhe uma 2ª prova que é sobre os cajados juntos ao de Aarão e só o de Aarão dá flor, fruto e amêndoa<sup>2</sup>. Aarão assume como representante da casa de Levi.

A Ira Divina refere-se na 1ª ao questionamento do Seu Ungido e na 2ª na negação da própria intervenção divina.

### II) O SANDUICHE JUDAICO: INCLUSÃO SEMÍTICA

A Torá<sup>3</sup> é um todo que limitadamente alcançamos, e afortunadamente, algumas partes. Assim, é interessante contextualizar a presente parashá. Tal como na Árvore da Vida, compreende-se melhor cada sefirá na sua referência com sua Tríade. Neste sentido, podemos usar o método da Inclusão Semítica<sup>4</sup>, que consiste em evidenciar como central o texto em relação aos que o antecedem e os que o sucedem

Kórach está em *Bamidbar*, literalmente *No Deserto*, mais conhecido por *Números*, no Capítulo XVI, na p.263 das Leis de Moisés. Versando inicialmente sobre a insurgência e aniquilamento de Kórach, Datan, Abiram, Om<sup>5</sup> e seguidores e terminando com os direitos dos sacerdotes e assistentes, os Cohanim e Leviim.

<sup>1</sup> Moisés questiona também os levitas que serviam no Tabernáculo e que queriam o sacerdócio. Não tiveram a humildade que o Monte Sinai teve.

<sup>2</sup> Cap. XVII, v. 23, p. 266 Lei de Moisés

<sup>3</sup> A palavra Torá tem várias correlações etimológicas, uma diz-nos que vem de “latur”, que significa procurar, deriva dela a palavra turista.

<sup>4</sup> Cujas composição literária tem começo e fim semelhantes, sendo que o objetivo do que se pretende comunicar encontra-se no centro. Difere portanto da lógica ocidental de introdução, desenvolvimento e conclusão

<sup>5</sup> O presente ausente na figura da mulher.

A passagem da Parashá de KÓRACH está situada entre sua antecessora SHELÁH-LECHÁ, em Números XII (37), que começa (p. 256) com a **espição** da Terra Prometida com o envio de olhos à distância<sup>6</sup> e com a parashá posterior HUKÁT, em Números XIX (39) (p.269), que versa sobre a ordem, prescrição imperativa, sentença dogmática<sup>7</sup> de D's, incompreensíveis à nós, com os rituais de purificação e **expição** de sacrifícios<sup>8</sup> animais. Daí situarmos Kórach entre a espição e a expiação.

No capítulo anterior ao espiar a terra de Canaã se viram menores que seus ocupantes, vistos como gigantes, chegaram até a desdenhá-la, achando que não alcançariam aqueles cachos altos como na parábola da raposa. O olhar turvado sobre o futuro fazia com que idealizassem a visão nostálgica do passado reverenciando a própria escravidão do lugar estreito de Mitzraim – Egito, como se fosse de leite e mel. A liberdade implica em luta e risco contra a comodidade da servidão voluntária, tema recorrente retomado na Haftará como veremos. Para lutar é preciso ter fé na Vitória. A Fé é visionária. A inveja é cega de um olho.

### III) ENTRE A VISÃO E O OLHAR

Estão nos olhares as visões do presente do passado e do futuro, indo da espição à expiação. Assim, conforme se guie o olhar e a visão oscilaremos entre a in-veja e a ad-miração. A inveja é sempre parcial do benefício sem o custo, sem o sacro-ofício. A admiração que é totalizadora engloba a Gratidão pelo recebimento.

Nossa parashá aborda a rebelião de Kórach e outros ilustres que confrontam a liderança de Moisés e Aarão. O ataque ao líder apareceria a primeira vista como se fosse um questionamento ao nepotismo de Moisés a Aarão, mas é uma afronta ao próprio desígnio da escolha divina. A ingratidão de Kórach se manifesta no capítulo XVI v. 13 : *“Achas pouco nos tereis feito subir de uma terra que emana leite e mel para nos matares no deserto, senão queres te assenhorear de nós?”*.

O ataque invejoso dos amotinados nos lembram da primeira vez em que a palavra pecado aparece biblicamente, quando Caim matou Abel, por não suportar que a oferenda do irmão fosse aceita<sup>9</sup> e a sua não. Não suportando os próprios sentimentos, que quis aniquilar, mata passionalmente o próprio irmão, ao invés de se auto questionar sobre o nível do seu sacrifício.

Por outro lado, a inveja tem um aspecto positivo que é revelar o desejo que pode e deve se fazer manifesto. A dor da inveja é a dor da falta que se abre para o desejo existir. O desejo de ser aceito na oferenda deveria fazer melhorá-la. O desejo de se fazer líder implicaria em se melhorar. Realizando a correção necessária do Tikun, no caminho da Re-unificação a D'S.

O paradoxo da nossa condição humana nos mantêm orgulhosos, negando ingratamente o recebimento. Como disse Groucho Marx numa cena de seu filme: “por que está com raiva de mim? Eu não lhe fiz nenhum favor”. Talvez daí a caridade esteja judaicamente implícita na tzedaká como justiça. Hessed é graças daí advindo Gratidão, ou seja reconhecimento do estado da Graça no nosso recebimento do maná sagrado, negado pelo coletor de lenha apedrejado na parashá anterior.

No Cap. XVI, v.4, caiu sobre o rosto de Moisés a dor da ingratidão. **Meditemos** sobre as vezes em que sentimos que os outros foram gratos e ingratos conosco; as que sentimos que fomos gratos e ingratos com os outros e as que sentimos ambas em relação a D'S.

### IV) A EQUIDADE

---

<sup>6</sup> e terminando com o episódio do coletor de lenha no shabat e seu apedrejamento

<sup>7</sup> como o impedimento de juntar lã e linho

<sup>8</sup> “*de uma vaca vermelha*”

<sup>9</sup> tal como na prova dos incensários,( cap. XVI v.17) entre o grupo de Kórach e o de Aarão.a aceitação divina consiste na fumaça subir.

O capítulo XVIII inicia D'S falando a Aarão sobre os seus encargos sobre a iniquidade do santuário e do sacerdócio e finaliza com o direitos desta dinastia. Podemos colocá-la a princípio na relação entre deveres e direito, e seu difícil equilíbrio. A palavra Avon, significa iniquidade, lembremos o quanto ela é mencionada repetidamente no Yom Kipur. Iniquidade é falta de equidade, de equilíbrio. Iniquidade é o desequilíbrio. Este desequilíbrio entre o dar e o receber que reconhecemos em nós sobretudo no dia de Purificação. Esta presente parashá está situada na oposição entre ingratidão e inveja versus reconhecimento e gratidão.

Trata-se da busca do equilíbrio entre Hessed e Guevurá, na medida em que quanto maior é o benefício hessedico maior o restritivo sacrifício guevurótico<sup>10</sup>. A saída do Egito e a passagem pelo Sinai são marcados por milagres apoteóticos mas mesmo assim nunca é suficiente para solidificar a crença do povo da dura cervix

Se, por um lado, Moisés é Hessédico na sua compaixão ao povo, por outro lado é guevurótico pois pede a D'S que não aceite as oferendas que este grupo revoltoso lhe faria. Assim Hessed se equilibra com Guevurá

#### V) A HUMANIZAÇÃO DE D'S-

Existem inúmeras passagens<sup>11</sup> bíblicas em que a Justiça Divina fica além da compreensão da ótica da justiça humana, que a vê como excessiva.

Desde a saída de Mitzraim- terra estreita Moisés protege e intercede junto a D's a favor do seu povo o de Israel . A intermediação de Moisés protegendo o povo de Israel da Ira Santa Divina acontece mais uma vez, v.21 "*Separai-vos do meio desta congregação e os consumirei como um momento*" e v.22 "*E atiraram-se sobre seus rostos* e que repete-se exatamente a mesma frase no cap. XVII vers.10 quando Moisés e Aarão foram acusados ( e não o próprio D'S já que Moisés falou no cap. XVI 30 "*E se criar D's uma criação inédita, e abrir a terra a sua boca e os tragar com tudo o que é deles e descerem vivos ao abismo, então sabereis que irritaram estes homens ao Eterno*".

D'S fez Tzim-tzum para Moisés enquanto Moisés realiza a paradoxal fazeção "Assiá Ashem" de D'S em seu contato com a nossa humanidade do livre arbítrio. Os filhos ensinam os pais a serem melhores pais em relação a especificidade do filho. Moisés é como o filho que ensina ao pai como ser o pai daquele filho específico. O pai é aquele que se restringe, fazendo o seu Tzim-tzum para o filho aparecer.

#### VI) MAGIA E MILAGRE

Além da negação do milagre da terra se abrir, engolindo os renegadores, imputando a Moisés o feito como mágico, temos na prova dos cajados, mais uma vez, a distinção entre magia e milagre ( milagre = ver ) tal como na disputa entre os magos do Faraó e Moisés quando transformam todos os cajados em cobras mas a de Moisés devora as demais, mostrando a grandeza hessedica do milagre em relação à magia<sup>12</sup>. Ver para crer e crer para ver. Matar a cobra e mostrar o pau.

Como em outras passagens anteriores, trata-se ainda da recorrente incredulidade do povo israelita perante os obstáculos, voltando-se contra D'S e seu profeta Moisés. Suscitando a Ira Divina e a intervenção protetora de Moisés, mesmo ferido pela ingratidão. Quem se revela magnânimo e intercessor é Moshe Rabeinu. Se em Gênesis fala-nos da criação do mundo e da ancestralidade do povo judeu com nossos Avinus aqui refere-se ao nosso primeiro rabi nosso Rabeinu.

---

<sup>10</sup> . A resolução desta díade é triádica em Tiferet.

<sup>11</sup> Como Abraão negociando com D'S sobre a destruição de Sodoma.

<sup>12</sup> O pecado de Moisés que o impediu de entrar na Terra prometida foi de ter batido na pedra na magia para sair água ao invés de pedir milagrosamente.

## VII) O FOGO

O Fogo é como o momento, o instante. A Torá foi escrita fogo negro sobre fogo branco. O fogo é o único elemento que se multiplica, ele consome e purifica. Os incensários ficaram sacralizados pelo contato com o fogo Divino e transformados em lâminas de cobertura.. Eles são retomados na expiação da praga Divina v.11 “.. *toma o incensário e põe nele fogo do altar e põe incenso, e leva-o depressa a congregação e fazei expiação por eles porque saiu a ira de diante do Eterno e já começou a mortandade* “.

O fim dos primeiros revoltosos é como o fim dos idólatras do bezerro de ouro. A terra abre-se em fogo.

A Geena inferno judaico é simplesmente uma usina de reciclagem cósmica.

A possibilidade do reconhecimento do erro é a possibilidade de retorno, Teshuvá, do desvio do alvo do encontro Divino. É ele que abre a possibilidade do perdão, daí a frase que aqui está e que é repetida no dia Yom Kipur.

Cap. XVII , Versículo 27 “*eis que nós expiramos, nos perdemos, todos nós nos perdemos*”.

Cap. XVII v.11 saiu a ira de diante do Eterno” como se ganhasse uma certa autonomia pois não está escrito caiu pois se caísse estávamos fritos.

## VIII) A HAFTARÁ

Como é importante e esclarecedora as Haftarat. A Haftará de Kórach é I Samuel 11:14-12:22

12:12 Vocês pediram “ um Rei deve reinar sobre nós , quando o Senhor, o D”S de vocês era o Rei de vocês”.

12:16 Eu invocarei o Senhor para que lhe envie trovões e chuva e vocês saberão e verão que a perversidade de vocês é grande, a qual vocês fizeram diante do Senhor pedindo um rei para vocês”.

13:19 O povo disse a Samuel. “Reze pois nós acrescentamos perversidade sobre todos nossos pecados, pedindo para nós um rei”. Samuel disse então “Não temam, porém não se desviem, pois então vocês irão atrás das coisas vazias que não dão proveito e nem libertam, eis que são vazias”.

Esclarece-nos sobre a nossa servidão voluntária na idolatria aos chefes e na inveja dos mesmos. Evidencia a fuga da nossa res-ponsabilidade sobre nossas vidas, delegando a outrem as decisões e a atitudes que nos competem.

Colocar como o único e verdadeiro Rei ser D”S conforme o 1º mandamento e juntá-lo com o que diz “Não Cobiçarás”. Afinal podemos ou não ter inveja de D”S?

Esta parashá remete-nos a uma profunda reflexão sobre a verdadeira hierarquia, aquele que segue a etimologia da palavra que diz hieros=sagrado e arquia=poder. O poder verdadeiro é território do sagrado. Sejamos sagrados de verdade.

## IX) FECHAMENTO

Na secura do deserto de Bamidbar é de uma fertilidade sem números as reclamações. Nesse nossa busca de equilíbrio lembremos de Baal Shem Tov que disse-nos que as lágrimas abrem portas, mas o riso da Graça (Hessed) derruba muralhas. Seu neto Rabi Nachman assim nos ensinou: “Se ficarmos reclamando, maldizendo nossa sorte, que a vida é ruim D”S ouvindo-nos dirá – Você pensa que isso é ruim , você vai ver agora, vou lhe mostrar o que ruim de verdade. E por outro lado, se dissermos que a vida é boa , bendizendo nossa sorte D”S dirá – Você pensa que isso é bom, você vai ver agora, vou lhe mostrar o que é bom de verdade.”

Shabat Shalom.